

Notas da 12ª Assembleia Nacional dos Bancos de Solidariedade
com Julián Carrón
Milão, 15 de dezembro de 2018

Andrea Franchi (conhecido como “Branco”). Bem vindos à 12ª Assembleia Nacional dos Bancos de Solidariedade. Saúdo-vos, e às pessoas que nos acompanham por vídeo-conferência em cinquenta cidades. Começo por agradecer ao padre Julián, que está aqui connosco para nos ajudar a olhar com profundidade para a experiência que fazemos através do gesto da caritativa, que marca a experiência dos Bancos. Como vocês sabem, nestes meses demo-nos como trabalho a comparação entre a nossa experiência e o texto do diálogo que o Julián teve com os jovens do CLU, e que foi publicado na *Passos* de maio, para continuar um caminho. Em particular, nesta brevíssima introdução, quero sublinhar que, nesse diálogo, o Julián dizia que no gesto que fazemos há muito mais do que aquilo que nós vemos. Eu tive isso bem presente há algumas semanas, quando estive com uma jovem que me disse: “Eu distribuo os pacotes de alimentos; no outro, dia, marquei encontro com uma família nova; fui, saí do carro um pouco à pressa, porque estava a começar a chover, comecei a tocar, a água aumentava, mas ninguém abria. Pensava: “Mas então? Telefonei há um quarto de hora, disse-me: ‘Estou em casa, venha!’ “Até que finalmente, enquanto a água continuava a cair cada vez com mais força, respondeu:” Sim, sim, vou mandar a minha filha abrir” e eu:” Mas não podias carregar tu no botão, porque eu estou aqui a molhar-me toda?” Passados mais cinco minutos, chega finalmente a filha e diz: “Sabes, é que eu estava na casa de banho”.

Voltei para casa um bocadinho irritada: “Mas como? Com tudo o que faço, volto encharcada e um bocadinho irritada”. Então eu perguntei-lhe: “E acabou assim?” Foi um dia para esquecer? “Não. Voltei para casa irritada, cheia de dúvidas, perguntas, mas a dado momento comecei a fazer Escola de Comunidade”. E eu: “Como se fosse um rebuçado para tirar o gosto amargo?” Ela respondeu-me: “Não, como a única possibilidade que tinha, que me veio à cabeça naquela tarde, de olhar para o facto a fundo e não o reduzir à chuva, à irritação, porque houve alguém que levou um quarto de hora a abrir-me a porta”. Isto impressionou-me, porque é o que está contido na experiência que propomos com este gesto. Mesmo as músicas que acabamos de ouvir não foram repescadas ao acaso: «Voltar a ser criança e recordar... / E recordar que tudo é dado» (C. Chieffo-M. Neri, «Amare ancora», Cancioneiro, CL, Coimbra, p. 177) é o propósito do gesto da caritativa, isto é, recordar a necessidade que tens e Quem é que na vida te disse: “Eu sou a resposta”. Ou: “Tu preocupas-te com mil coisas, mas uma só é aquela que vale” (C. Chieffo, “Marta, Marta”, Cancioneiro, op.cit., p. 213); em tudo que fazemos, em que é que nos apoiamos? Para que serve em relação à necessidade que temos? Se um gesto de caritativa não nos ajuda a fazer este trabalho, para que serve? Vamos já de seguida começar a contar a experiência que vivemos; com a ajuda do Julián, vamos tentar vê-la a fundo.

Durante anos, uma amiga convidou-me várias vezes para participar da experiência dos Bancos de Solidariedade. Durante anos, eu disse sempre que não, com a certeza de que não precisava de fazer aquelas coisas para viver. Não sabia ainda que me estava a enganar, punha a minha bonita máscara e até era credível, mas aquilo não era viver, era sobreviver. Depois, a de 10 de maio de 2014, no auge de uma crise pessoal que me fazia sentir como se estivesse dividida em duas, e para a qual não conseguia ver uma saída, lembrando-me das palavras de um padre amigo - “durante os casamentos chovem graças para os noivos, mas também para quem participa”-, fui ao casamento de uma amiga do movimento (uma das poucas – entre aquelas pessoas - de quem eu gostava porque não era a celina clássica) de braços abertos, com a certeza de que não me viria embora sem trazer de lá a minha graça, e assim foi. No fim do dia, em conversa com um dos convidados, com quem para dizer a verdade, não simpatizava muito, de repente não pude deixar de reconhecer que

ele tinha uma luz nos olhos que me fazia querer tê-la também e, por isso, queria olhar para onde ele olhava, certa de que lá encontraria um bem para mim. Nesse olhar eu captei o olhar de Outro que vinha ao meu encontro e voltava a anunciar-se, a mim, e foi essa a minha graça. Ainda que com algum esforço, começou uma ligação com aquele amigo, com os amigos da comunidade de CL da minha cidade e comecei a ir ao Banco de Solidariedade. No início, era porque queria estar com quem me mantinha sempre presente aquela Esperança. Pouco a pouco, vi que estar ali daquela maneira gerava algumas pequenas mudanças. Por natureza, tenho tendência a fazer sempre tudo sozinha, fazendo as coisas como as tenho na minha cabeça, por isso estar ali e fazer o que me mandavam fazer, sem meter a minha super organização, não me parecia possível. Sem fazer pensamentos muito profundos, eu sabia que não estava ali para mim, mas para os outros, por isso ficava no meu lugar e bufava em silêncio, mesmo quando as senhoras que vinham ajudar atrapalhavam o caminho ou desarrumavam as caixas super organizadas que eu estava a preparar. Aqueles sábados começaram a ser ocasiões que eu não queria perder, tanto que não aceitava outros compromissos e convidava também outros amigos para participar. No entanto, faltava alguma coisa, não era verdade que eu não estivesse ali por mim. No último jantar dos Bancos, alguém falou da unidade da caridade com a vida. Bem, neste aspeto eu não ia nada bem. De facto, no início deste ano surgiu algo muito forte que eu carregava comigo há muito tempo, mas que calei: o meu trabalho começava a pesar-me, não por causa dos problemas que tinha que enfrentar, mas porque não me bastava, sentia a falta de ocasiões para viver os relacionamentos, a ponto de ter dificuldade até em sair da cama, não valia a pena. Um dia, no entanto, começaram a acontecer algumas coisas. O juiz tutelar do tribunal chama-me para me perguntar se eu gostaria de renovar a minha disponibilidade para ser tutora de menores estrangeiros não acompanhados, avisando-me, porém, que a competência iria em breve passar para o Tribunal de Menores duma cidade próxima. Vendo isso como mais um contratempo, decidi recuar; no entanto, para não fazer má figura com o juiz, tentei ganhar tempo até ao dia seguinte, para que a minha recusa parecesse ter sido uma coisa refletida. Obviamente, esqueci-me, e o juiz, com extrema delicadeza, envia-me uma mensagem pedindo-me para responder. Começo por agradecer a bela proposta, mas escrevo que, naquele momento, não me era mesmo possível assumir esse compromisso. Apaguei a mensagem umas quatro vezes, porque nunca me saía bem (claro, porque não era verdade), e entre uma tentativa e outra, insinuava-se a frase ouvida por ocasião das eleições: “Estamos a olhar pela janela?”. Tornava-se tão insistente que, à quarta mensagem apagada, escrevo: “Ok, está bem, renovo a minha disponibilidade”. Que choque quando o juiz, ao agradecer-me, me diz: “Sabe, advogada, quando dizemos sim a estes é a Jesus que dizemos sim”. Ele tinha razão, mas eu não tinha essa consciência. Alguns dias depois é o Donacibo; enquanto estava numa turma do liceu, explicando aos jovens por que razão levamos os pacotes de alimentos a casa das pessoas, em vez de as fazer virem levantá-los à sede, fiz-lhes algumas perguntas ilustrativas, em particular dirigi-me a um rapaz estrangeiro, sentado na primeira fila, que estava a olhar para mim com dois olhos muito curiosos, atraindo a minha curiosidade. Fiz-lhe perguntas do tipo: “Mas para ti seria a mesma coisa vir à escola e aprender sem conhecer os teus colegas, ou vir aqui e aprender podendo estar com eles e conhecê-los?” Ele respondeu: “É a mesma coisa, não há diferença entre as duas”. Que estranho, pensava eu, se calhar não percebeu o exemplo, ou então está a brincar comigo porque sou mulher e ele não me dá crédito, ou então talvez seja realmente assim para ele, e se assim é, por quê? Saindo dali, falei aos meus amigos sobre aquele encontro que me tinha impressionado. Uns dias depois, à tarde, recebo uma intimação do tribunal para o dia seguinte, porque me tinha sido entregue a tutela de um rapaz. As coisas começam mal, digo a mim mesma, podiam ter-me avisado antes, ou perguntar-me se estava bem para mim; respondo que não tinha nenhum impedimento em estar lá na hora e dia indicados para mim, mas aborrecia-me que me tivessem convocado daquela maneira, parecia-me desrespeitoso, por não corresponder ao momento e à forma que eu tinha na cabeça. De qualquer maneira, lá fui; chego e encontro no patamar o rapaz que conheci por ocasião do Donacibo; assim que o vi, explodiu em mim uma alegria irreprimível, pensei

imediatamente para comigo: “Deus, mas quem és Tu que, apesar de mim e das minhas miseráveis posições iniciais, me dás uma coisa tão bonita? Mesmo pensando na melhor maneira, nunca me poderia ter dado isto a mim mesma “. Fui ter com ele com esta felicidade, dizendo-lhe: “Mas tu és o rapaz do Donacibo, que bom!” Ele, sorrindo, diz que se lembrava de mim. O juiz e o educador dele olhavam para nós, espantados: “Vocês conhecem-se?” Então contámos o nosso encontro. A entrevista com o juiz torna-se muito informal, para explicar ao rapaz o meu papel, daqui até ele ter 18 anos; diz ao rapaz que, aqui em Itália, eu sou um pouco como sua mãe e seu pai. Ele lança-me um olhar pouco convencido, e então eu digo-lhe: “Então vamos fazer de conta que sou uma tia”, e todos se riram! O meu trabalho, que eu suportava tão mal, ainda assim permitia-me organizar-me para participar em experiências como o Donacibo, e era além disso um lugar em que podia encontrar Alguém. No dia dos anos do rapaz, fui convidada a ir à comunidade onde ele mora, onde aconteceu uma coisa importante para mim: assim que perceberam que eu estava ali por causa de um deles, os outros rapazes começaram a perguntar-se: “Mas por que é que os nossos tutores não vêm ao nosso aniversário?” A certa altura, para chamar a minha atenção, começaram a fazer confusão e a levantar as vozes. Os educadores estavam aborrecidos e pediam-me desculpa por aquilo que, para eles, era uma falta de respeito para com um convidado. Para mim, no entanto, era outra coisa. Neles, eu via apenas olhos que pediam: “Olha para mim, olha para mim!” Naquele momento, dei por mim comovida, porque vi neles o mesmo desejo e o mesmo grito que eu tenho: “Olha para mim!”, tive consciência da minha verdadeira necessidade. De repente, surpreendi-me novamente a dirigir-me a Deus com esta pergunta: “Mas Tu escolhes mesmo manifestar-Te assim, através de um grupo de crianças, além do mais muçulmanas? Tens imaginação! Isto é tudo verdade? São muitas as relações nascidas deste encontro; agora sou tutora de dois rapazes, vemos muitas vezes, e eles também vêm dar-nos uma ajuda no Banco de Solidariedade; quando estou com os meus amigos e os convido, eles vêm, apenas para estar conosco. A nossa relação não é institucional, mas é uma amizade. Sem que eu quase me desse conta disso, a experiência do Banco foi alargada, até cobrir todos os âmbitos da minha vida, através dela eu descobri qual é a minha necessidade e que posso dirigir-me a Deus com este Tu. E isso faz-me ser livre, mesmo com todas as minhas limitações, e deixa sempre em aberto em mim a pergunta: “Diante das coisas que acontecem, eu quero afirmar-me a mim mesma ou quero descobrir o que o Mistério tem para me dar e fazê-lo florescer?”

Julían Carrón. Bom dia a todos. O que significa para ti dares-te conta da tua verdadeira necessidade? O que é que isso traz à tua vida? Este é o propósito da caritativa. E por que razão é tão decisiva? Dom Giussani propô-la como um gesto educativo em primeiro lugar para nós, não apenas para responder às necessidades dos outros, mas para nós, sem reduzir o gesto que fazemos a voluntariado. Por que razão te parece tão crucial esta insistência de Dom Giussani? Como é que a vêes como um ganho para a tua vida?

Não é nada daquilo que eu estava à espera, ao vivê-la descubro que é uma coisa que eu nunca poderia ter imaginado, porque encontro uma correspondência, uma liberdade, com a qual posso ser eu mesma com toda a minha humanidade. Descubro que vivo numa forma muito reduzida em comparação com a experiência e, precisamente porque percebo a presença de um Outro, dou-me conta disso. Se estou aqui, é porque existe Outro, senão não seria capaz de me ver desta maneira. Nunca olhei para mim assim.

Se se vê isto assim – e não é óbvio ver-se assim, tanto nos reduzimos - não há nenhum tipo de voluntariado que consiga que tu faças esta ligação: “Se eu me vejo assim, é por causa da presença de um Outro”. Captar a presença de Cristo no facto de reconhecer a necessidade é o que dissemos muitas vezes: o que veio fazer Cristo? Despertar o sentido religioso, isto é, a consciência da natureza da necessidade e, portanto, colocar-nos nas condições certas para viver. Sem esta autoconsciência, tudo fica confuso. Descobrir, surpreendendo naquilo que vivemos a presença de Cristo, é a superação do dualismo: Cristo de um lado e a minha necessidade do outro; o caos de um

lado, a vida do outro. Eu surpreendo-O vivendo. Mas só chegamos a esta consciência através do que ela nos contou: surpreendendo, no início, um olhar que ela queria para si mesma, não pôde fazer nada além de tentar estar com aquela pessoa, porque não queria perder o que tinha vislumbrado. Estando com essa pessoa, encontrou uma mudança em si, uma esperança de vida começou a despertar nela, e tudo o resto foi um desenvolvimento disso. Se estivéssemos realmente conscientes de tudo o que aparece na experiência que fazemos, para poder falar assim de tudo o que acontece, meus caros - não como uma frase vazia, não como uma lembrança de um passado, não como algo que aprendemos de forma abstrata -, é necessário que o Verbo se tenha feito carne e habite entre nós. A encarnação não é um facto do passado, devido ao qual nós agora continuamos simplesmente a viver com uma certa ética, armando-nos em bons! Perderíamos o melhor, porque com isto não respondemos à necessidade. Como é que é possível descobrir a necessidade real? Fizeste alguma tentativa para responder a isso? Podes estar grata por descobrires a tua necessidade ilimitada? Por quê?

Porque muda tudo. Fica tudo tão aberto que existem infinitas possibilidades ...

Sim, mas muitos precisam disto e, no entanto, não o entendem assim; para eles, serem necessitados é uma cruz, serem necessitados é um peso; ser necessitado é uma condenação para a grande maioria. Procuramos compreender por que é que podemos sentir necessidade e, ao mesmo tempo, não sentir isso como uma condenação, como todos a entendem. Caso contrário, usamos as palavras sem nos apercebermos do significado delas. Nós usamo-las precisamente por causa da experiência que fazemos, e não sabe-se lá por que tipo de raciocínio abstrato. A partir da própria experiência surge, surge, surge um modo diferente de viver que me permite estar consciente da necessidade e não viver esquecendo-me de mim, reduzindo-me, apagando o meu eu, mas vivendo com toda a consciência de mim. Por quê? Eu posso abraçar a minha necessidade porque existe um Outro. Então digo: “Bendita necessidade!”, que me permite não me contentar. Porque tudo aquilo com que me posso contentar é insuficiente para responder à minha necessidade. O reconhecimento da minha necessidade torna-me absolutamente grato a Cristo: ainda bem que aqui estás, Cristo, porque sem Ti o reconhecimento da necessidade seria uma condenação. Então, quem salva verdadeiramente o eu na sua grandeza, sem o reduzir como costumamos fazer? Só Alguém presente. “‘Vivo’ quer dizer presente” (L. Giussani, “‘Vivo’ quer dizer presente!”, Página Um, *Passos*, n.9 / 2018, p. 8). Só Alguém presente torna esta experiência possível. Esta é a origem do que tu dizias, e esta é a esperança que há em nós. Nós não entendemos a Escola de Comunidade virando a cabeça para o outro lado, não entendemos o Início de Ano fazendo reflexões abstrusas que já não prendem ninguém, nem mesmo a nós. A Escola de Comunidade e o Início de Ano prendem-nos a todos graças à experiência que fazemos, só a partir desta experiência da qual não há volta atrás. Algo acontece aqui, por isso temos de ficar em cena! Obrigado.

A Recolha de Alimentos de 24 de novembro foi para mim uma ocasião importante para me confrontar sobre a forma como vivo o gesto da caritativa, entregando os pacotes. Enquanto decidia que disponibilidade oferecer para os turnos, surgiu-me uma pergunta: “Se eu desejo tanto o gesto da Recolha para mim, já que ele me educa, por que razão não pode ser assim também para as famílias que encontro na caritativa?” Então quis experimentar, telefonei para três famílias do nosso Banco de Solidariedade, com quem tinha tido uma relação no passado. Convidei-as a fazerem a Recolha comigo, durante algumas horas. Com um derradeiro ressurgimento do ceticismo, sempre difícil de morrer, esperei pela resposta e, para minha grande surpresa, as pessoas aceitaram com entusiasmo, apesar de terem tido grandes problemas no passado recente e ainda hoje viverem com muitas dificuldades. Durante o turno, apresentei-as umas às outras, e vi que nasceu logo uma familiaridade simples, interessaram-se pelos problemas de um deles, desempregado e com uma depressão severa, e estão a tentar ajudá-lo a resolver pelo menos o problema do trabalho. Depois desta experiência tão bonita com elas, não posso deixar de me perguntar como é que olho para as pessoas que conheço levando-lhes os alimentos. Vieram-me à

cabeça tantas ocasiões em que prevaleceu um sentimento de resignação diante da necessidade, ou do mal-estar, que muitas vezes se traduz em contentar-me em falar disto e daquilo, e evitar falar com eles sobre a minha necessidade e o meu desejo de felicidade. É um mal-estar que corre o risco de chegar à vergonha e à incredulidade de que Jesus possa conquistar o coração de cada pessoa e que, em todo o caso, é Ele quem constrói. Mas o que eu experimentei no momento da Recolha com as pessoas que convidei reconduz-me continuamente ao ponto verdadeiro. Ou seja, que só posso propor aos outros o que eu realmente desejo, e que é verdadeiro para mim.

Assim, apercebemo-nos que neste momento, em que vemos tudo a desmoronar, nada - mas mesmo nada - nos impede de recomeçar, nem mesmo às famílias a quem leva o pacote. Nós não propomos um qualquer discurso ou abstração, mas uma vida, como estudámos na Escola de Comunidade: “A Igreja é uma vida”; nós convidamo-los a participar nesta vida: “Querem vir fazer a Recolha conosco?”, façam-lhes uma proposta de envolvimento com o que estamos envolvidos. Lembram-se da Jornada de Início de Ano, ou já a apagaram da memória? “O anúncio é uma presença cheia de significado, [...] que envolve nesse sentido a pessoa que esse significado carrega” (“‘Vivo’ quer dizer presente!”, Página Um, *Passos*, n. 9/2018, p. 10). Uma proposta está cheia de significado quando envolve a pessoa que a faz e, por isso, surpreende-nos que neste momento, nesta sociedade “líquida”, onde ninguém se importa com nada, as pessoas adiram entusiasticamente a uma proposta que fazemos. E temos de ver isso, esta é a caridade do Mistério para conosco, porque muitas vezes não acreditamos nisso! “Como é isto possível agora?” o medo assalta-nos: “Como é possível?” E, no entanto, estão a ver que é possível. Estão a ver que é possível recomeçar, como nos primórdios do cristianismo. Recomeçar sem nos apoiarmos na “cristandade”, ou seja, em formas que não são capazes de nos sustentar, mas apoiados apenas no evento de Cristo, no cristianismo como vida. Assim podemos reaprender o que pensávamos já saber, porque somos os primeiros a ser surpreendidos. Por que é que devemos fazer isto? Para nós! O Papa diz-nos: convém-nos sair da casca, porque só se sairmos é podemos ver que é possível. Quem fica em casa no quentinho da lareira não o pode ver! Não o pode entender. Ainda bem que já não existe o calor dum ambiente protegido! Porque assim podemos ver que continua a acontecer, porque Cristo - ainda que pensemos o contrário - não desapareceu, não é que se tenha ido embora, não é derrotado pelas nossas derrotas, mas está presente. Finalmente, podemos não O confundir com nenhuma das coisas com as quais muitas vezes o identificámos. Será isso que salvará a nossa fé. Caso contrário, como aconteceu a tantos, mesmo fazendo muitas coisas, a fé irá interessar-nos cada vez menos, a ponto de deixar de nos interessar. Eu só posso propor o que é fundamental para mim e, propondo-o, percebo que o Senhor me devolve cem vezes mais!

Queria contar o que me aconteceu, levando o pacote a uma família bastante especial. Uma tarde, fui visitá-los. Ao sair do carro, fui parado por uma patrulha da polícia num estacionamento entre dois prédios populares, onde levamos o pacote a muitas famílias, e assim, passados alguns segundos formou-se uma multidão de pessoas que gritava das varandas: “Deixem-no em paz, é uma boa pessoa, ele e os seus amigos ajudam-nos!” Obviamente, durante a busca não encontram nada e deixam-me ir. Vou para casa irritadíssimo, mas disse a mim mesmo que queria ir ao fundo do que acontecera. Consigo marcar uma reunião com um funcionário. Vou, e ele diz-me que foi ele quem ordenou a busca, porque a mulher a quem eu levava o pacote estava em prisão domiciliária, por isso eu não podia ir a casa deles, e além disso estacionei no local onde alguns delinquentes da zona se encontravam. Então pergunto-lhe se devo deixar de ir e ele responde-me: “Eles precisam de ti. Agora sabemos quem és e o que fazes; até terminar a prisão domiciliária, vai ter com eles e deixa o pacote do lado de fora da porta, depois podes entrar livremente “. Depois da conversa, havia alguma coisa que não batia certo, tinha medo, e decidi não levar mais o pacote. Durante três meses, não fui mais; até que a mulher - que já não estava em prisão domiciliária - me telefonou, mas eu não atendi. Insiste também no dia seguinte, e eu continuo a não responder. No terceiro dia, tinha preparado as minhas justificações; atendo, e ela diz-me: “Olá, por que é que já não vens? Já

não gostas de mim?” Provocou-me, porque me obrigou a fazer o balanço da minha história, daquilo que me aconteceu na vida. O que me aconteceu? Aos 16 anos, deixei de ir à escola porque a realidade me fazia muito medo. Tinha medo de ser julgado. Para os meus pais, eu era um fracassado, porque já não ia à escola, eles comparavam-me com os meus amigos que, obviamente, prosseguiram os seus estudos. E o que é que me aconteceu? Conheci um homem que me abraçou, que gostou de mim como eu era; para ele eu estava bem assim como era. Então, disse para mim mesmo: “Mas eu sou melhor do que esta mulher?” É evidente que a resposta foi “Não”. Conheci alguém que me mudou literalmente a vida, daquele encontro conheci o movimento e passados 18 anos eu, que tinha medo da realidade, que não dava um passo por ter medo, sinto-me feliz e sem medo. Trabalho o mármore e de manhã, quando acordo, estou contente por ir trabalhar, embora o meu trabalho seja muito cansativo e difícil, mas estou feliz. Consegui ter uma família com dois filhos; para todos vocês, pode parecer uma coisa óbvia, mas para mim e os meus amigos não, porque não nascemos em famílias do movimento, temos famílias desesperadas, a maioria é separada e aqueles que não o são vivem o casamento como se fosse um túmulo. Qual é a coisa grande? Foram as minhas qualidades que me levaram a casar-me? Não, o bom Deus colocou diante de mim famílias felizes, homens que gostavam da sua relação com a mulher e os filhos. É por isso que o gesto da caritativa se torna interessante para mim, porque coloca constantemente no centro o facto de que eu só preciso de Jesus para viver. Jesus vivo. Jesus, para mim, tem rostos bem concretos, através dos quais eu O conheci. O gesto da caritativa torna-se interessante para mim porque coloca diante de mim esta minha necessidade: eu preciso d’Ele.

Estão a ver? O Mistério pode usar qualquer coisa - como aconteceu com ele. E ele tem de voltar a ver toda a sua história para se dar verdadeiramente conta, no presente, do que lhe aconteceu; pergunta-se por que razão o Mistério permite estas coisas e que sentido elas têm. Vai fazer um “gesto” e depois deixa que eles o interroguem. Por quê? Porque Deus não nos poupa a nada? Porque nos convém que não nos poupe, como estão a ver! É como se, através de todas estas coisas, ele dissesse: “Mas não te dás conta de que tudo o que te acontece, tudo o que eu permito que aconteça, é para ti? Para que não seja uma roupa velha à partida, para que não te esqueças do que te aconteceu!”. Assim, volta a dar-to, no presente, com todo o espanto do início, melhor ainda, com uma maior consciência do espanto do início, para evitar que a fé se torne um formalismo, reduzindo-se a “cristandade” (como dizia Dom Giussani na Jornada de Início de Ano), e o cristianismo volte a acontecer em nós. Então aprende-se, mas não em abstrato; interessa-lhe a caritativa para se dar conta da necessidade que tem de Jesus; porque sem Jesus nós seríamos os mais desgraçados entre os homens. Mas não um Jesus como algo preso por fora, ou como um entre os muitos do panteão dos deuses. Jesus com um rosto concreto: Ele, o Filho de Deus, nascido de uma mulher em Belém. Ele é a chave que torna a vida “vida”, pela qual o nosso amigo se pode levantar feliz por ir trabalhar o mármore. Esta é a novidade cristã! E nenhuma situação, nenhum caos, nenhuma sociedade líquida, nenhum colapso pode impedir que aconteça agora. De que é que temos medo? Por que nos assustamos? Ninguém supera o susto ou o medo com pensamentos. O que nos tira o medo é vê-l’O em ação. Então, tudo se torna ocasião para a gratidão, porque Deus teve pena de nós; como dizia Dom Giussani: «Obrigado por Te teres feito ver e estares sentado aqui» (L’attrattiva Gesù, BUR, Milão1999, p. 153).

Há já vinte anos que participo com dedicação e entusiasmo em todas as edições da Recolha de Alimentos e depois nas atividades do Banco de Solidariedade e do Donacibo nas escolas. Esta é a experiência através da qual o Mistério me prendeu e me faz estar aqui agora, e me leva a partilhar plenamente o que disseste aos estudantes universitários: “Uma coisa é simplesmente responder a uma urgência, a uma necessidade, outra coisa é descobrir a natureza da necessidade e quem pode

responder a ela. Alguém pode dizer: ‘Vou lá e faço alguma coisa pelos outros’. É uma coisa boa, claro, mas a questão é entender qual é a necessidade do outro, descobrir a natureza da necessidade “(J. Carrón, “É assim que a vida pode florescer”, Passos, n.º 5/2018, p. 24) Na realidade, antes de entender o que é a necessidade do outro, compreendi melhor qual é a minha. Com efeito, a primeira vez que participei na Recolha o que me movia era principalmente o desejo de fazer uma boa ação ajudando pessoas necessitadas, ou seja, foi exatamente como tu disseste: “Vou lá e faço alguma coisa pelos outros” ...

É uma coisa boa, pelo amor de Deus! Sempre é melhor do que fazer mal. Mas não é nada comparado a um gesto de caritativa. E perderíamos tudo o que ouvimos esta manhã, se o reduzíssemos a “fazer alguma coisa pelos outros”. É preciso que fique claro: não digo que o voluntariado é uma coisa errada, mas que não é nada comparada com a necessidade. Pensemos no que se pode tornar um gesto de caritativa se for vivido com a consciência a que Dom Giussani nos introduziu; em vez de acordarmos e irmos trabalhar chateados, levantamo-nos contentes.

Assim que o turno começou, lembro-me de que fiquei fascinado com a ordem e a atenção dada a todos os pormenores e, em geral, com a beleza do gesto. Impressiona-me muito isto, porque o Senhor, que me conhece bem, sabe que gosto de “fazer” e, portanto, sabe como me atrair a Si. Depois esta razão inicial foi amplamente superada por outras muito mais profundas, e isso faz-me olhar com simpatia para os amigos que inicialmente participam de um gesto ou que, em geral, fazem alguma coisa por razões marginais, porque o Mistério passa através daquela brecha, como me aconteceu a mim. E assim envolvi-me cada vez mais nas várias atividades promovidas pelo Banco Alimentar e pelo nosso Banco de Solidariedade, mas passados alguns anos comecei a sentir uma falta, um mal-estar que inicialmente não tinha uma origem clara: eu tinha agora o papel de responsável dum grande supermercado, ajudávamos cada vez mais famílias com o Banco, fazíamos cada vez mais pacotes, mas tudo isso começava a não ser suficiente para mim, embora não fosse claro para mim o que faltava. E eis que um amigo me propõe para participar num jantar dos Bancos, onde encontrei o Branco, que me ajudou (e ainda me ajuda) a descobrir Quem responde realmente ao meu desejo. Com o tempo, ficou claro que a resposta ao meu desejo não consiste no que faço, mas no reconhecimento de um amor infinito, gratuito e totalmente imerecido, do qual eu sou o objeto, e que ultrapassa toda a minha imaginação. Daí a pouco tempo “enfiei-me”, é caso para se dizer, numas férias; lembro-me como se tivesse sido ontem que, assim que chegámos, estava à nossa espera um querido amigo meu, que nos recebeu, a mim e à minha mulher, com um abraço inesquecível: era como se, aliás, corrijo, era Cristo que me abraçava dizendo: “Estava à tua espera!”. Estes foram os primeiros passos do meu caminho de conversão, que está bem longe de estar concluído e que estou a apreciar tanto. Assim, refletindo sobre estes anos, verifiquei e compreendi que meu coração anseia pelo infinito, mas também que este desejo está inscrito no coração de todos os homens, de cada homem. Tenho visto, no entanto, que muitas vezes as pessoas não têm consciência disto e que, portanto, este desejo de infinito se manifesta de forma confusa, contraditória, parcial, como o estrondoso zurro do burro do Pinóquio no final da sua história. Mas partindo do facto de que todos nós temos este desejo, e grato pelo amor gratuito do qual continuo a ser objeto, torna-se cada vez mais fácil olhar com ternura para as pessoas, mesmo quando, na tentativa de responder às necessidades do seu coração, elas se comportam de forma pouco razoável, para não dizer contraditória, irritante ou abertamente desagradável. Sou educado para este olhar dum forma especial quando levo o pacote às minhas famílias, não - como costumamos dizer - porque o merecem, mas simplesmente porque precisam dele. Assim, depois de ter experimentado isto, sou educado a olhar para uma pessoa pelo valor infinito que tem em si e não pelo resultado das suas ações. Isso, além de permitir que se entre imediatamente em relação com a família, que não se sente julgada de acordo com os critérios cínicos usados pelo “mundo” - no qual uma pessoa é importante de acordo com o papel que desempenha - permite-lhe experimentar

uma relação mais real, mais bonita e mais intensa com a realidade, marcada pela alegria e por um grande sentimento de liberdade. Uma relação em que nada é suficiente, mas tudo assume um valor extraordinário graças àquilo para que remete, que provoca e nos permite enfrentar circunstâncias por vezes dramáticas com serena certeza. Concluo contando algumas coisas que aconteceram no último período, intensíssimo, e que julgo serem especialmente significativas. A primeira tem a ver com o nosso Banco. No dia 7 de dezembro, organizámos o jantar de Natal com as nossas famílias. Podíamos organizá-lo na paróquia (para mim estava ótimo) mas tivemos uma ideia que no início parecia maluca: por que não organizá-lo num dos mais bonitos restaurantes da cidade? As nossas famílias nunca vão ao restaurante e poder oferecer-lhes um jantar num lugar desses seria um belo presente. Movia-nos também um outro desejo, mais profundo, isto é, que imersos na beleza eles pudessem, e nós pudéssemos, ver *Quem* nos estava a dar aquele jantar. Era uma daquelas ideias tão incríveis que só podia ser uma ideia Sua. E assim, sem saber bem como fazer, fomos ter com o dono do restaurante; recebeu o nosso pedido com grande entusiasmo e chamou os seus fornecedores para se juntarem a nós e tornarem concreta esta ideia tão incrível. No dia do jantar a sala estava muito bem arranjada e o pessoal acolheu-nos com uma simpatia extrema. Um grande amigo nosso deu um testemunho simples e maravilhoso; ao serão, um coro trouxe belíssimas canções. Em suma, como se costuma dizer: “A Ele agrada-lhe fazer as coisas de Deus!” Por outro lado, a caritativa não se esgota nos gestos acima referidos, mas incide profundamente na forma como eu vivo também todas as outras circunstâncias. Por exemplo, no trabalho aconteceu que um colaborador a quem eu tinha dado um aumento (sou dono de uma empresa), passados alguns dias escreveu-me um mail no qual, com base na sua análise, considerava que tinha direito a um aumento maior. Concluía o mail dizendo que, se eu não tomasse providências nesse sentido num par de semanas, se despedia. Não escondo que inicialmente tive a tentação de lhe responder de forma reativa, mas o meu coração não estava tranquilo, ele queria muito mais e assim passados uns dias, o desejo e a curiosidade de enfrentar esta provocação prevaleceram de forma original, curioso para descobrir melhor o que o Mistério já tinha escrito nesta circunstância. Por isso não me limitei a responder ao mail, mas queria, e desejava, estar com ele, visto que nos conhecíamos há tantos anos e sempre tivemos uma relação de trabalho muito cordial, e para o ajudar a ter em consideração aspetos que ele ainda não tinha considerado. Percebi, assim, que o último pedido de aumento nascia do desejo de ser estimado pelo seu trabalho e, como muitas vezes acontece devido à confusão entre o valor da pessoa e o que ela faz, em última análise era um pedido de afeição, um pedido para ser amado. Assim foi mais fácil abraçá-lo no seu desejo e olhá-lo pelo grito do seu coração. E, de facto, embora dizendo-lhe que por enquanto, infelizmente, não tinha condições para atender o seu pedido, esse pormenor tornou-se secundário. Também desafiei a sua liberdade, dizendo-lhe que se ainda assim assinasse a sua demissão, eu a aceitaria, com relutância, mas não lhe ficava com nenhum rancor. Impressionou-me muito, passados alguns dias, que ele me dissesse: “Mas então tu gostas um bocadinho de mim”. Agora, quando nos cruzamos, trocamos grandes sorrisos; trabalha ainda com mais paixão do que antes. Vi que o cristianismo gera uma inteligência sobre a vida que tem implicações muito positivas até do ponto de vista meramente empresarial. É claramente uma consequência secundária, mas diz-nos como um olhar aberto para a realidade é realmente conveniente. Alguns dias depois, um dos meus colaboradores mais próximos referiu-me outra situação: uma pessoa sob a sua responsabilidade tinha expressado de forma bastante agitada um certo mal-estar. Eu disse-lhe: “Muito bem, temos que falar com ela!” Ele respondeu: “Talvez não tenhas entendido bem...” Na verdade, eu tinha entendido muito bem, porque estou cada vez mais curioso e desejoso de ver como é que Cristo se manifesta nas circunstâncias, se eu não me detiver nos meus preconceitos estéreis e na minha reação. E também neste caso, com a serenidade e certeza que gera o encontro com Cristo, tirei partido duma circunstância que poderia ser bastante problemática. Finalmente, conto-lhes um último episódio particularmente significativo. Infelizmente, na nossa empresa aconteceu uma coisa muito desagradável: uma das nossas funcionárias começou a ofender de forma muito agressiva uma

colega estrangeira e, quando insultou o seu filho, esta perdeu a cabeça e atirou-lhe um objeto, mandando-a para o hospital. Em consequência disto, foi suspensa e depois despedida, devido à gravidade do caso; o contrato da outra ia acabar daí a poucos dias e não foi renovado. Decisão salomónica. Estranhamente, estavam todos de acordo: a administração da empresa (da qual faço parte), os colaboradores, os sindicatos, com os quais normalmente discutimos (para dizer como Péguy, o povo e o governo). E não só eles, mas também aqueles a quem, relutantemente, eu contava o acontecido. Sim, digo relutantemente porque, no meu coração, tinha um desejo irreprimível de ver Cristo vencer até mesmo naquela circunstância que me sufocava. Por outro lado, dava-me conta de que qualquer decisão diferente que tivéssemos tomado, poderia ter recebido a aversão de muitas pessoas. E assim, precisamente quando estava a voltar para casa do retiro do Advento, disse: “Senhor, ajuda-me Tu, porque eu realmente não sei como fazer, mas quero respirar também agora”. Alguns instantes depois, tive uma ideia tão louca que só podia ser Sua. Disse a mim mesmo: “Eu gostaria que estas duas senhoras vissem a beleza que eu vi. Por que não lhes proponho que venham preparar os pacotes do Banco comigo?”. Seria uma oportunidade para conhecê-las melhor e fazermos juntos um pedaço de caminho que, quem sabe, até poderia concluir-se com uma readmissão. Movi-me livremente, totalmente indiferente ao resultado, não tendo nada para defender: conversei com os meus irmãos, que inicialmente aceitaram a ideia com alguma hesitação, mas que depois - isto impressionou-me muito - a levaram a sério, ajudando-me a reformulá-la. Depois falei com os sindicatos, que exprimiram a sua perplexidade sobre o assunto, mas também a eles eu disse que, mais do que os problemas corretos que apontavam, eu via a possibilidade de que dos escombros nascesse uma flor. Por fim, conheci a mulher estrangeira, que na quinta-feira à noite veio comigo fazer os pacotes. A proposta também foi feita, de forma clara, à italiana, que por enquanto prefere seguir outro caminho. O próximo passo será desafiar a liberdade, que é importantíssima para mim, dos meus colaboradores durante o jantar da empresa que vai ter lugar, perguntando-lhes se há pelo menos um que queira trabalhar com a mulher estrangeira. Eu faria isso imediatamente, porque vi que tem o mesmo coração do que eu. Mas se ninguém estiver disponível, isso significa que não há condições para a readmitir. Veremos. Mas Cristo já ganhou comigo e é fantástico. Em resumo, graças ao caminho começado e aprofundado no seio da caritativa, descubro como com Cristo, toda a realidade se torna cada vez mais amável e me fala d’Ele, mesmo nas situações mais complicadas e difíceis. E assim a vida adquire um sabor indispensável.

Obrigado! Como estão a ver, uma pessoa na vida pode fazer mais, mais, mais, mais bonito, melhor. Mas a experiência não te deixa andar por muito tempo sem te dar algum sinal de que na ânsia de fazer cada vez mais, tu estás a perder o caminho, e então percebes que tudo que fazes não é suficiente e estás desconfortável, falta-te alguma coisa. E acontece-te encontrares alguém que te diz: “Quem responde a todo o teu desejo, graças ao qual fazes sempre mais?” Isto é crucial. Por que tentamos responder à nossa necessidade fazendo mais, mais, mais, isto é, com as nossas tentativas? Muito simplesmente, porque ainda não entendemos a natureza do nosso desejo, da nossa necessidade. Nós vamos à caritativa precisamente para nos darmos conta disto. E se alguém me dissesse: “Não é possível que tu me digas que, depois de ter lido não sei quantas vezes *O sentido religioso*, eu ainda não o tenha entendido!”, eu responder-lhe-ia que não, não o entendemos. Não me interessa fazer o teste de quantas vezes vocês o leram, interessa-me que nos demos conta do valor de um gesto como a caritativa, porque nos dá uma possibilidade de compreender coisas que pensamos já ter entendido só porque refletimos sobre elas, mas que na verdade não entendemos. E quem não se dá conta de que o seu “fazer” não é suficiente, no fundo, pensa que não precisa de Cristo. Porque se o “mais” que ela faz fosse adequado à sua necessidade, por que é que uma pessoa precisaria de Cristo? Governávamo-nos muito bem sozinhos! Mas “tudo é mísero e pequeno diante da nossa alma”, disse Leopardi (Pensamentos LXVIII); e então, do seio da experiência, a partir do mal-estar que provoca o nosso fazer e da falta que percebemos, quando uma pessoa vai a um encontro dos Bancos de Solidariedade e ouve dizer: “Quem responde ao teu desejo?”, pode

percebê-lo. Quantas vezes já ouviste falar de Cristo? Mas é como se fossem dois mundos: dum lado, a minha necessidade reduzida, do outro, um Cristo reduzido, que no fundo não se encontram. Na Escola da Comunidade, lemos: “A Igreja [...] que se dirige à própria experiência do homem e não às máscaras de humanidade que dominam as diferentes formas da sociedade” (Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 251). Jesus dirige-se ao nosso verdadeiro eu, à nossa humanidade tal como ela é. Mas muitas vezes, nós identificamos a nossa humanidade com máscaras de humanidade reduzida. Essas máscaras só se podem desfazer não por força das nossas elocubrações, mas embatando em alguma coisa presente. Alguém poderia dizer: “Por que é que devo ir à caritativa, se já faço Escola de Comunidade, onde aprendo tudo?” Não é assim, porque a proposta do movimento tem uma natureza orgânica: para nos permitir evitar o risco do intelectualismo (graças ao qual achamos que entendemos, mas no fundo reduzimos o sentido daquilo que lemos), o movimento propõe-nos a caritativa; é um gesto que nos ajuda a expulsar esse intelectualismo que é uma redução da experiência. Não basta raciocinar, porque o que faz a medida saltar é um evento, que representa uma oportunidade para redescobrir Cristo. Estão a ver como tudo está ligado, tudo é unitário? E nós temos de entender os nexos, como diz a Escola de Comunidade do que estamos a fazer. Caso contrário, temos entre as mãos pedaços partidos, que não conseguem unir a vida. Pelo contrário, aceitando uma proposta – mesmo cometendo erros, tropeçando, confundindo a necessidade ou tentando responder fazendo cada vez mais coisas, mais pacotes, mais trabalhos, mais, mais – damos-nos conta de que nada do que fazemos pode bastar. E então uma pessoa começa a entender que o coração anseia pelo Infinito. Quem de nós, se tiver um filho ou um colega, não o repete uma e outra vez? O coração anseia pelo Infinito: repetimos isto, mas reduzindo-o a um discurso. Não digo isto porque tenhamos que nos autoflagelar, mas para nos darmos conta do quão pobres somos, do quão necessário é que alguém nos torne verdadeiramente conscientes da natureza da nossa necessidade para poder descobrir Cristo. Caso contrário, não poderíamos dar-nos conta de Cristo, como diz Giussani: “De facto, Cristo coloca-se como resposta àquilo que “eu” sou, e só uma tomada de consciência atenta e também terna e apaixonada de mim mesmo me pode abrir de par em par e dispor-me a reconhecer, a admirar, a agradecer, a viver Cristo. Sem esta consciência, até o nome de Jesus Cristo se torna um puro nome” (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 13). Não é que o sentido religioso esteja dum lado, de outro a fé, de outro a Igreja, de outro ainda a caritativa, como se o cristianismo fosse um conjunto de coisas que nada têm a ver uma com a outra. Agora temos a possibilidade, precisamente para o ponto da Escola de Comunidade que estamos a ver, de entender na experiência um conceito muito simples: a unidade. Uma das características da experiência cristã é a unidade. Uma unidade de vida, sem a qual estamos constantemente em pedaços. Tudo o que estamos a dizer nos ajuda a entender o alcance do que Dom Giussani diz na Escola de Comunidade, de maneira muito simples - sem ter que frequentar, como eu digo sempre, um doutoramento em Harvard: participando na vida da comunidade cristã, uma pessoa começa a entender os grandes mistérios da vida. E então entendemos que um funcionário possa apresentar a demissão (fazendo um gesto que parece contraditório) porque precisa de ser amado. Mas onde é que ele vai para ser amado? Pensa resolver o problema demitindo-se. É alucinante, porque nós, não tendo entendido a natureza da nossa necessidade, fazemos gestos, tomamos decisões que são o oposto do que realmente desejamos; é como se uma pessoa levada ao Pronto Socorro, tentasse arrancar os tubos para se libertar das máquinas que a mantêm viva, com um gesto absolutamente cruel em relação a si mesmo, contraditório à sua necessidade vital. Por isso, se não entendemos, quem nos impede de pensar que é melhor demitir-se para resolver o problema da vida? Não pensemos que somos diferentes do resto das pessoas, nos últimos séculos tantos cristãos se demitiram do compromisso com a sua própria humanidade! O meu aviso é apenas apenas um “aviso à navegação”, que somos todos nós. Por isso, aceitar a proposta completa do movimento, isto é, de Dom Giussani, é crucial para nós. Porque assim, o que não entendermos de uma maneira, pode entrar em nós de outra, pode sempre acontecer alguma coisa, e então tudo fica unido. Obrigado.

Há cerca de seis meses que eu e um amigo meu levamos o pacote a uma empregada das limpezas; não é um relacionamento simples, é bastante duro, basta pensar que quando vamos ter com ela um dos filhos se fecha no quarto, e da última vez saiu só para pedir à mãe, à nossa frente, que se recusasse a receber. Depois do verão, ela nunca mais deu sinal, tento ligar-lhe várias vezes, mas nada, não conseguimos contatá-la. Decidimos ir na mesma levar-lhe o pacote, tocamos à campainha e não responde, além do mais chove e estamos lá fora ao frio. Decidimos não desistir, por isso vamos ao trabalho dela; é sábado à tarde e a escola está fechada, falamos com o porteiro que, um tanto ou quanto espantado, nos faz falar com a sua mulher. Pedimos-lhe notícias da empregada, se ela ainda vem trabalhar, em suma, o que se passa com ela. Olha para nós um tanto surpreendida e diz-nos: “Sim, ela ainda vem à escola para trabalhar”, depois suspira e acrescenta: “Infelizmente!” (dando a entender que mesmo no trabalho ela representa um “fardo” para toda a gente suportar). Deixo-lhe um cartão com a minha morada e telefone e duas linhas para a desafiar a contactar-nos, se quiser. Entramos no carro, olhamos um para o outro, um pouco provados por este dia aparentemente infrutífero, mas acima de tudo feridos por aquele “infelizmente”. Aquele momento preciso, para nós que levamos o pacote, foi o começo de um percurso de consciência; confrontámo-nos e veio ao de cima toda a nossa incapacidade em relação à necessidade encontrada, mas também um mal-estar por esse juízo tão negativo. Perguntámo-nos logo porque não nos detínhamos na contradição e no facto de que a empregada, que tem mil problemas, parece não merecer a nossa ajuda. Respondemo-nos que o gesto que fazemos é realmente um gesto cristão, porque muda, expande e aprofunda as nossas interrogações sobre a realidade, na verdade não nos faz determo-nos na contradição do momento (a empregada que não responde, a chuva, o filho que não nos quer ver) e abre-nos para uma pergunta de significado, o que significa fazer companhia, o que significa esperar, o que significa ter paciência, quem pode realmente responder à sua necessidade. Retivêmos dois pontos. Primeiro: a natureza da nossa questão muda, de “O que posso fazer por ela?” para “Quem és Tu que me dás um coração que não se contenta?”, ou seja, que não se detém no “infelizmente”, no limite que existe em mim e no outro. Não se detém porque dá crédito à possibilidade de que na realidade exista Alguém que opera. A possibilidade existe, por isso dá-nos a tenacidade de ir tocar à campainha do porteiro. Segundo: precisamente pela natureza do gesto, provoca e solicita a nossa liberdade e a dela, porque nos obriga, a nós e à empregada, a tomar uma posição e a fazer um caminho; podíamos abandoná-la à sua sorte, tínhamos todas as desculpas para o fazer, tal como a empregada teve, e tem, de decidir sempre se nos quer ver, se somos úteis para a sua situação ou se é o filho, que não nos quer, quem tem razão.

Viva a liberdade! A vossa liberdade e a dela. Nada de constrações, nada de forçar as coisas. É um desafio para todos, como Jesus fez: tornou-se carne e desafiou todos com a Sua presença.

Eu ando na universidade e há dois anos que, com um amigo, levo o pacote do Banco Alimentar a um rapaz. Na terceira vez que fomos, ele estava muito abalado, disse-nos que estava doente e que a mãe dele morreria da mesma doença, uma doença degenerativa muito grave. Disse-nos também que, depois dum determinado percurso, tinha decidido ir à Suíça para fazer um suicídio assistido. Nós ficámos em silêncio, sem qualquer pretensão de fazê-lo mudar de ideia, mas apenas com o desejo de estar com ele para descobrir por que é que a nossa vida e a sua vida têm valor. De facto, no momento seguinte, surgiu em nós a pretensão de fazê-lo mudar de ideias, tentar convencê-lo a não ir à Suíça; em consequência disso, ele tentava muitas vezes evitar-nos.

Estão a ver? Assim que forçamos as coisas, para fazermos entrar na cabeça de uma pessoa o que nos parece certo a nós, esta evita-nos. Impressionante! Temos de aprender com esta nossa maneira de fazer as coisas. O que não significa que, então, não façamos nada, mas que temos de fazer uma coisa diferente do que aquela que imaginamos.

Algum tempo depois, ele deu-nos a ler uma carta de motivação, que tinha tido que enviar para a Suíça, e disse-nos que a tinha enviado também ao Papa. Isso impressionou-nos, porque era sinal de que ele estava à espera de alguma coisa que respondesse à sua necessidade. E quando o Vaticano respondeu à sua carta, ele ficou muito contente. Então, mexemo-nos para lhe conseguir um encontro com o Papa. E assim conseguimos ir a uma Audiência geral de quarta-feira, e aquele rapaz conseguiu falar cinco minutos com o Papa Francisco. Tudo estava lindo, Roma, o Papa, ele estava contentíssimo e não parava de nos agradecer. De volta a casa, pedimos para voltar a vê-lo e ele responde-nos: “Não, voltei à minha rotina, quero estar sozinho”.

Veem? O milagre não chega. De facto, ele recebeu um milagre - foi ao Papa e falou com ele! -, mas um instante depois fecha-se em si mesmo.

Passou muito tempo, desde então a relação com ele teve sempre altos e baixos, é muito flutuante: há momentos em que ele está feliz e nos quer ver, e momentos em que está deprimido, nos trata mal ou simplesmente não atende o telefone. Haveria mil coisas para contar sobre o relacionamento com ele, mas a coisa que mais nos impressiona é o motivo por que continuo a procurá-lo.

E por que é que o procuras?

No relacionamento com ele, eu trago comigo todas as minhas perguntas. Deparo-me com a dureza da vida, com a dor, mas sem este relacionamento com ele eu não teria estas perguntas tão radicais; continuo a procurá-lo porque ele me mantém desperto. Compreendo melhor que o ponto da vida é que Jesus é verdadeiro; a única forma desta situação poder fazer algum sentido para mim é que Jesus realmente tenha morrido na cruz e ressuscitado, isto é, que ele também salva esta situação de doença que é uma coisa má. Esta é a única esperança, senão a vida seria uma fraude. Além disso, estou a descobrir que sou feliz quando me entrego gratuitamente a um serviço, talvez sem entender completamente o que estou a fazer, como tento fazer no meu relacionamento com ele. Ainda há momentos em que ele diz que quer ir à Suíça, mas acontece sempre alguma coisa devido à qual não vai; por exemplo, este ano uma amiga enviou-me a apresentação da exposição do Meeting sobre Job, feita por uma rapariga. Mostrei-lha e ele respondeu-me assim: “Acabei de ler o testemunho da guia da exposição sobre Job; em primeiro lugar, obrigado por me teres enviado. Sem me aperceber, são palavras que eu também uso, ‘não quero sofrer’, ‘não quero falar com ninguém’, ‘não quero mais fazer quimioterapia, estou a piorar, queria morrer’. São sentimentos que uma pessoa doente pode experimentar e gostaria de sentir também eu o que, no final, senti aquela rapariga. Mas de alguma forma, porém, sinto que Deus está comigo. Ainda que tenha dificuldades, na minha vida Ele mostra-me, através das pessoas, que cuida também de mim, nunca me abandona. A mim também nunca me falta um prato de comida, uma palavra de afeto. Não me faltam estas coisas, porém sinto também que me estou a aproximar do cumprimento da vida. É um caminho difícil, mas haverá um fim para todos. Ontem disseste-me que, mais cedo ou mais tarde, nos encontraríamos novamente no Céu e acredito nisso. Queria viver ainda por muitos anos, mas entendo que a vida não mo permite. Acho que tu, as tuas amigas, e as Irmãs são as pessoas que Deus me enviou para me acompanhar nesta minha aventura da vida com a minha doença. Obrigado.” O que me impressiona nesta mensagem é que, no início do nosso relacionamento, ele não viu os pequenos pontos de bem que havia na sua vida, mas agora começa a reconhecê-los. E depois há a mudança nele e em mim, que é o sinal de alguma coisa que existe.

O que é que aprendeste com toda esta história? O que te ficou? Na tua opinião, por que é que este rapaz ainda está vivo, apesar de querer que a vida acabasse?

Porque ele encontrou alguma coisa.

Dás-te conta daquilo que levas contigo? É ótimo que ele tenha ido ao Papa, mas este rapaz vive porquê? Devemos dar-nos conta de que, ainda que não sejas o Papa, ainda que sejamos todos uns pobres coitados, levamos “alguma coisa” a uma pessoa que se encontra naquela situação. Devemos tornar-nos conscientes desta proximidade, desta tua insistência, deste teu voltar (mesmo que a resposta seja aquela que viste: às vezes é um sim, às vezes um não), levas algo à vida dele. Para o resto da tua vida, tens de te aperceber daquilo que levas; tu, que és uma nada como eu, mas pela

graça, aconteceu-te encontrar Aquele que responde à necessidade do teu coração e do dele. E não podes descarregar isto sobre ninguém, nem mesmo sobre o Papa, porque a esperança está em ti - como ouvimos na Jornada de Início do Ano; tens de estar consciente disto.

No final deste nosso diálogo, gostaria de dizer-vos uma coisa: é necessário que compreendamos a ligação das coisas individuais com o todo, senão não seremos capazes de entender. Por que é que Dom Giussani insiste tanto na necessidade de entender os nexos? Vimos isso nas intervenções desta manhã: uma pessoa pode fazer caritativa no Banco de Solidariedade, como dizia o Branco no começo, contando sobre aquela pessoa aborrecida porque as coisas não corriam como ela queria, mas para enfrentar o desconforto que aquela circunstância lhe provocara teve que ler a Escola de Comunidade para ter - dizia - a possibilidade de entender. Entender o quê? O que estava dentro da experiência que estava a viver. Por um lado, a Escola de Comunidade ajuda-me a compreender a profundidade que existe no gesto da caritativa, por outro lado, a caritativa ajuda-me a dar-me conta de todas as minhas necessidades, para poder compreender todo o alcance daquilo que diz a Escola de Comunidade. Percebem as ligações? Então podem avançar com segurança, com ou sem a Assembleia dos Bancos de Solidariedade, porque têm a Escola de Comunidade. É importante para mim que todos entendamos que, nos gestos que propomos, temos tudo o que precisamos para viver; não devemos esperar por um não sei qual gesto marcante, porque já temos tudo o que é preciso: a Escola de Comunidade, a Fraternidade, a caritativa, os gestos que constantemente nos propomos.

Por isso, sigam em frente, com a consciência de terem tudo o que precisam para fazer uma experiência que nos impede de reduzir a caritativa a voluntariado e Escola de Comunidade a um intelectualismo que já não prende ninguém. Ao fazê-lo, podemos dar-nos conta da natureza do cristianismo, isto é, do alcance de Cristo para a nossa vida, podendo festejar o Natal à grande! Não é apenas a memória de um passado, o aniversário de um evento histórico, mas a celebração de alguma coisa que está a acontecer agora, que volta a acontecer agora.

Agradeço-lhes por este diálogo, que como sempre foi incrível, simplesmente pela experiência que fazemos, como cada um de nós vê claramente. Pedimos que constantemente nos digam o que se passa, porque quanto mais nos damos conta disso, mais gratos seremos por aquilo que nos aconteceu.

Votos de um Bom Natal para todos.